

**26. LUCIANO PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL  
LUCIANO.PEREIRA@ESE.IPS.PT,**



BELMONTE 2017



LOMBA DA MAIA 2016



Montalegre 2016

**LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA** - Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês); Mestre em Literaturas Medievais Comparadas; Doutor em Línguas e Literaturas Românicas, Provas Públicas para Professor Coordenador

Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986),

Formador, orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2010)

- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção-Geral de Extensão Educativa (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
- Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2015)
- Presidente do Júri da Prova de ingresso para os estudantes com mais de 21 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014/2015)



FLORIPA 2010



Belmonte 2018



### ***Bibliografia***

Comunicações e artigos:

L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues

As cores da língua portuguesa como expressão de cultura

A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes

Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.

A representação da Ilha na literatura de temática açoriana

A representação da Arrábida na literatura portuguesa

O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa

O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular

### **TEMA 3.1. A REPRESENTAÇÃO DOS AÇORES NA POESIA PUBLICADA NO ALMANAQUE DE LEMBRANÇA LUSO-BRASILEIRO, LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SETÚBAL**

O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro foi publicado durante 81 anos, de 1851 a 1932.

Foi fundado pela família Castilho e irradiou em todo o mundo lusófono, atingindo tiragens bastante expressivas, 24.000 por ano.

Além da tradicional agenda, publicava textos enviados de todo o mundo lusófono.

Para além dos contributos do continente, destacam-se os textos dos arquipélagos da Madeira, dos Açores e, em especial, de Cabo Verde.

Para além dos contributos asiáticos e africanos, são os contributos brasileiros que mais se destacam.

Neste trabalho, fixar-nos-emos sobre a escrita poética de temática açoriana.

Os textos selecionados são bastante ilustrativos do caráter bipolar do imaginário ilhéu açoriano. O simbolismo da ilha alterna entre a atração original dos espaços paradisíacos e utópicos e o sentimento opressor dos espaços que subjagam e aprisionam.

Este sentimento contraditório de atração e de repulsa, de amor e de ódio ritmam o coração do ilhéu à imagem das ondas do mar.

A maior parte dos poemas apresentados extasia-nos com a perfeição da natureza e de uma sociedade ideal. Alguns, todavia, mergulham-nos numa profunda depressão claustrofóbica, sofrendo do mal da insularidade.

Qualquer criação literária atualiza arquétipos e mitos coletivos em textos e estilísticas individuais.

O símbolo é sempre um espaço de fusão do mundo, ponto-cruz do imaginário.

É o seu fechamento que sacraliza o espaço ilhéu. O seu fechamento também corresponde à forma redonda que representa a “cosmicização” do arquétipo da intimidade feminina.

A polivalência semântica da ilha corresponde à ambivalência imagética que afirma a complexidade das tonalidades elementares da percepção humana.

Esta ambiguidade fundamental corresponde à dialética entre a introversão e a extroversão. As ilhas têm povoado o imaginário universal como espaço de origem e de retorno desde os textos mitológicos mais arcaicos.

## 1. A ilha como objeto de atração e de repulsa

O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro<sup>105</sup> foi publicado durante 81 anos, de 1851 a 1932. Foi fundado pela família Castilho e irradiou em todo o mundo lusófono, atingindo tiragens bastante expressivas, 24.000 por ano. Além da tradicional agenda, publicava textos enviados de todo o mundo lusófono. Para além dos contributos do continente,

---

<sup>105</sup> Para economia e simplificação textual, referir-nos-emos ao Almanaque com as iniciais: ALLB seguido do ano de publicação respetivo.

destacam-se os textos dos arquipélagos da Madeira, dos Açores e, em especial, de Cabo Verde. Para além dos contributos asiáticos e africanos, são os contributos brasileiros que mais se destacam. Tal como já constatámos no estudo anterior, os poemas que me foram fornecidos, previamente seleccionados pela Professora Doutora Laura Areias, são bastante ilustrativos do carácter bipolar do imaginário ilhéu açoriano. Todos eles, reforçam um simbolismo original da ilha que alterna entre a atração original dos espaços paradisíacos e utópicos e o sentimento opressor dos espaços que subjagam e aprisionam. Este sentimento contraditório de atração e de repulsa, de amor e de ódio ritma o coração do ilhéu à imagem das sistoles e das diástoles que caracterizam os movimentos das marés e das ondas do mar:

Partindo

Acaba de partir a embarcação,  
A noite é linda, o mar é sossegado;  
Só não sossega o pobre coração,  
Neste meu peito, de chorar cansado.

A minha terra ao longe vai ficando,  
E, dentro em pouco, não a hei de ver.  
Dos passageiros vão alguns cantando,  
Mas esses mesmos levarão prazer?!...

Andam estrelas a brilhar, formosas,  
E o marinheiro fita-as, satisfeito.  
Vou navegando, e, sobre um mar de rosas,  
Que tempestades que me vão no peito!

Espínola de Mendonça (Ponta Delgada) em ALLB (1914: 21)

A maior parte dos poemas apresentados extasia-nos com a perfeição da natureza e de uma sociedade ideal. Alguns, todavia, mergulham-nos numa profunda depressão claustrofóbica, sofrendo do mal da insularidade. Qualquer criação literária atualiza arquétipos e mitos coletivos em textos e estilísticas individuais. O símbolo é sempre um espaço de fusão do mundo, ponto-cruz do imaginário. Champeux et Sterckx (1981: 31). O que torna um espaço sagrado é o seu fechamento: ilhas de simbolismo amniótico ou então floresta cujo horizonte se fecha por si mesmo" Durand (1989: 170). O fechamento corresponde à forma redonda que representa a 'cosmicização' do arquétipo da intimidade feminina. A polivalência semântica da ilha corresponde à ambivalência imagética que afirma a complexidade das tonalidades elementares da percepção humana. Esta ambiguidade fundamental corresponde à dialética entre a introversão e a extroversão:

*Finalemment toutes les images se développent entre les deux pôles, elles vivent dialectiquement des séductions de l'univers et des certitudes de l'intimité (...). Chaque image (...) devra donc recevoir toutes ses valeurs. Les images les plus belles sont souvent des foyers d'ambivalence.* (Bachelard 1984: 10).

As ilhas têm povoado o imaginário universal como espaço de origem e de retorno, vejam-se os mitos greco-latinos, celtas e germânicos relativos à criação. Com a Atlântida de Platão (1985: 525-547), acrescenta-se-lhes uma áurea muito específica, associando-lhes uma organização social e política 'a-típica' e 'u-tópica':

Soneto geográfico

Em busca do ideal sonhado eternamente  
 Como único remédio à minha nostalgia,  
 Numa galera azul subi alegremente  
 Com o fim de sulcar os mares da Utopia.

Durante muito tempo o astro que irradia

Só vinha esclarecer inexoravelmente  
As ondas do Oceano; alfim num claro dia  
A galera deitou os ferros de repente.

Corri de popa à proa e vi ao longe uma ilha  
Prismática, ideal, soberba maravilha,  
Padrão que alevantará a mão do Criador.

Procurei-a no mapa e o capitão pondera:

«Buscá-la é sempre em vão, o seu nome é Quimera,  
E a capital é Sonho onde reina o Amor.»

Alice Moderno: *Aspirações* (Ponta Delgada) em ALLB, Suplemento (1889: 122)

O Homem afirma-se no espaço e no tempo. Crescer é assumir uma temporalidade, criar e destruir limites, criar-se e recriar-se num movimento de constante aprofundamento e distanciamento de si. O poema é uma das expressões desse movimento, é uma recriação do seu criador. A ilha tanto convida para o descanso, para as delícias e para as intimidades do centro como incentiva para a linha do horizonte, para o sonho, para uma espécie de exílio e de emigração que procura outras gentes, outras almas e outros corpos. No plano da expressão literária, os espaços tão simbolicamente intensos como os das ilhas permitem o regresso às formas social e intelectualmente consagradas como uterinas e originais. As representações da ilha com que nos defrontamos estão longe de ser ingénuas ou insignificantes. Cada poema apresenta uma trágica nostalgia pelo paraíso perdido. A criação literária permite a recuperação da dignidade perdida e da própria condição humana. A imagem que emana das "ilhas" contribui para a construção do espaço ilhéu enquanto arquétipo. A «Ilha» que emana do conjunto dos textos apresentados adquire uma dimensão onírica. Filha do inconsciente coletivo apresenta contradições e ilogismos. A ilha enquanto centro cósmico, espaço sagrado, afirma-se como um espaço onde o indivíduo se dilui, saturado de tanto silêncio, de tanta solidão, e de tanto aperto.

"a sua «*plurissignificação*» tem um «*peso quase insuportável...*» Pimentel (1988: 238):

Egoísmo

Há nos dias pesados e brumosos  
Mesmo no triste coração do inverno,  
Quando um cortante frio sempiterno  
Nos arrepia os membros langorosos;

Há nessa névoa, às vezes, uns lampejos,  
Um rasgar-se das plúmbeas redondezas,  
Como curto sorriso entre tristezas  
De quem recorta as mágoas de gracejos.

A minha alma também anda assim triste  
Como os dias sem sol. Dormente, apenas,  
– Sonâmbula de amor – vela nas cenas  
A que por quadro o peito meu subsiste  
Filomena Serpa: *Velas* (S. Jorge) em ALLB (fevereiro, 1880)

Na ilha, o poeta imagina-se, sofre e recria-se. Nem a vida nem a morte, nem a natureza nem a cultura que o criaram lhe bastam. No horizonte vislumbra-se a liberdade, o espaço do amor, o "El Dourado". Abundantes são os poemas açorianos que nos contam a história da emigração e da busca da terra prometida; assim como da fuga à servidão e à submissão,

tal como "Ilha" de Pedro da Silveira que, segundo Pimentel, pertence ao conjunto de textos que Starobinsky classifica «como a expressão microscópica do universo no qual nasceram». São emblemas reduzidos, resumos simbólicos. "*Texto e contexto são vasos comunicantes. A um tempo, há reprodução e produção.*" Pimentel (1988: 237):

Fujamos

Como a brisa que no prado,  
Leva um perfume de flor,  
Quero levar-te, enleado  
Nos raios do meu amor!

Vem, vem comigo! Fujamos  
Desta apertada cadeia!  
Tão grande é o mundo! sejamos  
Tão livres como uma ideia!  
(...)  
Há lugares mais suaves  
Onde vivamos e amemos,  
Fujamos pois, como as aves,  
Para eles! Emigremos!

Vem comigo. Estou cansada  
Desta pálida existência



Sem horizontes, sem nada  
Que d'alma dilate a essência!

.....

Como a brisa que no prado  
Leva um perfume de flor,  
Quero levar-te, enleado  
Nos raios do meu amor!

Filomena Serpa: *Velas* (S. Jorge) em ALLB, Suplemento (1886: 32)

O regresso à ilha representa o regresso ao íntimo do tempo e do espaço originais, tempo e espaço que permitem ao Eu poético a sua fusão com a ilha sonhada, com a terra amada. Deste modo, o poeta, assemelha-se ao místico que se dilui graças à sua vivência passional no corpo do objeto amado. A conquista ou reconquista do espaço original exige sempre uma apropriação do tempo mítico e vice-versa, tal apropriação exige sempre um sacrifício pessoal, imagem da sacralização coletiva, celebração da entidade divina que deu forma à vida através do sublime e amoroso ato da criação e celebração da extrema bondade e beldade das suas criações e em particular das suas criaturas. Trata-se de uma experiência psicológica limite, única e intransmissível, que permite atravessar o tempo e o espaço intransponíveis do mundo empírico e navegar por "mares nunca antes navegados" até se consumir a desejada hierofania, incesto salvífico entre a criatura e o eu criador. Esta conquista do espaço utópico e "a-temporal" exige uma castração simbólica que exige a inibição dos impulsos conquistadores e heroicos e o desenvolvimento de um estado de consciência que leva a uma maturação espiritual e a um progresso ontológico que mais não pretende do que aceder, de certo modo às delícias da imortalidade:

A viagem da vida

Singra a barca no vasto oceano,  
Sulca a vida qual barca, outro mar...

A inocência da infância: mar plano;

Ai! pudera ela sempre durar!

Os risos argentinos

De lábios cor-de-rosa,

São céu azul, são hinos

Da brisa bonançosa.

Surge a terra da pátria adorada.

Alegria, prazer – mocidade!

Mas em breve ela foge apressada;

Só nos fica a pungente saudade!

As horas de ventura

A que sorrimos ledos,

São astro em noite escura,

São praias e arvoredos.

Eis as vagas, os ventos ferozes!

Eis as lutas tremendas da vida!

Vence-se uma; mas nascem, atrozes,

Outras muitas, sem trégua ou guarida!

As mágoas tenebrosas

Que ensombram nossos dias,

São nuvens tormentosas,  
São turvas ventanias.

Noite baça! Um tufão... um rochedo!

O fatal estertor, o expirar;

Condenado que acaba um degredo,

Pobre ilhota que vai descansar!

A esfinge negra e fria,

Que tem por nome: morte,

É termo da agonia

De náufrago sem norte.

E. R. Q. (Micaelense): *Porto* em ALLB (1911: 19)

## 2. A ilha como espaço de origem

Os espaços isolados, circundados, afastados do mundo circundante, tais como as ilhas, arborizadas ou desérticas, estruturando-se em torno de montanhas, vulcões, lagos e fontes, apresentam uma tão forte densidade simbólica que dificilmente imaginamos manifestações mais perfeitas dos espaços originais; os castelos são à escala humana uma pálida imagem de tal cosmogonia original. O movimento, a deslocação a viagem, o percurso dos romeiros, a peregrinação e o desterro, tal como o retorno e o regresso, são formas catárticas de transmutação, transmigrações que tornam os corpos espíritos num processo de depuração e despojamento, de aproximação do divino, numa busca individual e coletiva de verdade e de clarividência, que tanto leva ao centro do ser, como ao mais íntimo da comunidade, isto é ao coração da ilha, única porta para o além, único caminho que travessa o horizonte.

O ilhéu é um homem predestinado, nascido para amar e sofrer, no isolamento e na solidão, vítima sacrificial escolhido para viver uma revelação transcendental e uma iluminação extasiante e deslumbrante que lhe proporcionará as capacidades sensoriais, intelectuais e psicossociais necessárias para o desenvolvimento das competências mediáticas que lhe permitem uma aproximação a todos os espíritos da água, da terra, do ar e do fogo. O isolamento do ilhéu, tal como o isolamento do exilado, tanto leva a um aprofundamento como a uma saturação insuportável da essência de si mesmo. Alienado ou exilado no interior da sua própria ilha, o poeta dificilmente atinge um nível superior de sua própria consciência. O exílio externo e a morte física apresentam-se como os caminhos mais certos e mais seguros para o encontro com o sagrado, isto é para uma iluminação ou para uma revelação do sagrado, isto é para a "hierofania":

À beira-mar

Anoiteceu. Na luminosa esteira  
Que a lua vai deixando, sobre o mar,  
Anda a vogar a barca feiticeira,  
Perdido o leme, sem poder voltar.

Lá vai correndo agora mais ligeira,  
Foge da praia, foge ao meu olhar  
Correndo assim, meu Deus, desta maneira,  
A linda barca pode naufragar!

Lá vai, lá vai, seguindo mar em fora.  
Perde-se ao longe... não a vejo agora!  
Se ela não volta? se ela naufragou?

Perdem-se vidas, perde-se um tesoiro!

- É como a barca dos meus sonhos de oiro

Que se perdeu e nunca mais voltou!

Espínola de Mendonça: *Açores* em ALLB (1918: 339)

Alguns textos traduzem-nos, com nitidez, a depressão claustrofóbica e o sentimento de abandono divino e social, chamado o mal da ilha ou da insularidade e que afirmam sem ambiguidades: "*o estar é manifestamente mal-estar, mal-dizer, mal-viver*" Pimentel (1988: 239):

Signo Insulado

o sofrimento está dentro da ilha

o sofrimento é da ilha

a ilha está no fundo dum poço

no fundo dum poço sofre uma ilha

(...)

José Martins Garcia em *Atlântida*, n.º 1 – 3, 1967 (RGC, 353)

Em muitos dos textos que expressam o sentimento da insularidade e do sofrimento enquanto forma do "mal-dizer" e do "mal-viver", os sonhos são miragens, a sede e a fome deliram; os desejos incendiam-se, calando coitas medievais "de lonh", amores proibidos e paixões românticos impossíveis. A ilha abraça, protege e sufoca, o horizonte liberta e aprisiona, a solidão isola, permite a audição do silêncio, a visão do invisível, a nomeação do invisível, a revelação do inefável, o encontro divinal. A ilha, abraça, liberta e aperta num delírio virginal.

*"Quando a poetiza brasileira Cecília Meireles visitou, em 1951, as Ilhas dos Açores, terra da sua avó, emigrante no Brasil, passaria a partilhar desse sentimento de solidão, a condição de insularidade, que ela define como a inquieta busca do que se quer porque nunca se alcança Gouveia (1994: 483); in Areias (2002: 98)".*

A poesia que expressa o arquétipo da ilha, enquanto núcleo incandescente espiritual, sociedade imaculada e primordial, microcosmo à imagem da grande obra divina, sublimam a dor, a ansiedade, a angústia e a solidão. A ilha revela-se como um dos símbolos mais perfeitos da criação e do paraíso virginal, espaço de origem, símbolo do próprio símbolo, de uma imaculada conceção, ostentando a sua dimensão mais sacra, matriz de todas as virtudes, espaço de absolvição de todos os defeitos e impurezas humanas, espaço de transmutação do próprio pecado original. *"A ilha é, pois, simbolicamente, um lugar de eleição de ciência e de paz, no meio da ignorância e da agitação do mundo exterior."* Buescu (1991: 167):

Adeus ao Vale das Furnas

Por entre toscas ravinas  
Correm águas de cristal  
Banhando grotas, campinas,  
Regando brancas boninas,  
Serpenteando todo o vale.

A par de frescas nascentes  
Rouquejando está o chão,  
E cospe jorros ferventes  
Por entre fendas ardentes,  
Que bramam como o trovão!

Da serra sob os fastígios  
Andam nuvens a pairar;  
E o fumo d'ígneos vestígios,  
Do centro destes prodígios  
Em ondas as vai saudar.

Lindos matos d'urze e giesta  
Cobrem da serra o pendor:  
Onde ver terra como esta –  
Cada outeiro uma floresta.  
Cada floresta um primor?

Nesta amena soledade  
Quão bela vida eu vivi!  
Longe de toda a vaidade,

S. P. M. Estácio da Veiga (Ilha de S. Miguel):  
13 de dezembro (1865: 371)

A dimensão poética do texto literário é sempre a afirmação da palavra primordial, dessa forma, obriga-nos a encarar a escrita como a expressão ritual de uma revelação que obriga a uma experiência emocional, psicológica e intelectual com carácter místico e iniciático. Um tal contexto privilegiará, enquanto expressões relevantes e elementos constitutivos, as expressões da intimidade, dos afetos e das paixões:

*Adorate Dominum!*

Adoro-vos, senhor, nos salsos mares;  
adoro-vos nas fontes cristalinas;  
adoro-vos na relva das campinas;  
adoro-vos nos astros a milhares;

Adoro-vos das aves nos cantares;  
adoro-vos nos cedros das colinas;  
adoro-vos no mimo das boninas;  
adoro-vos nos frutos dos pomares;

Adoro-vos na voz da tempestade;  
adoro-vos do raio na presteza;  
adoro-vos dos céus na imensidade;

Adoro-vos do orbe na grandeza;  
adoro-vos, Divina Magestade,  
adoro-vos em toda a natureza!

Gonçalo R. C. Lima (Ilha Terceira) (1878: 189)



Tal como o havíamos já observado numa anterior comunicação sobre *A Ilha no imaginário poético de temática Açoriano*, o lirismo telúrico é a expressão da saudade e do desejo da terra amada. A ilha é confidente e amante, espaço de origem e de destino. O amor pela ilha é semelhante ao amor divino, exige recato, sofrimento e reclusão. O 'Eu' poético, ao enamorar-se da ilha, enamora-se do criador e de si mesmo, enquanto criatura e filho telúrico do mar. Tal consciência desperta-o para o poder da sua própria capacidade de amar, descobrindo assim o seu valor intrínseco, enquanto criatura feita à imagem do criador. Fundindo-se com o núcleo gerador da imanência, aprofunda todas as formas do saber e do autoconhecimento. O retorno às origens, tal como o exílio, constitui sempre um ritual de purificação. O regresso à ilha ou o percurso para o centro da ilha pode, todavia, encenar uma das mais dramáticas formas de distanciamento, uma afirmação mística do ser não sendo, uma morte simbólica, transitória ou real:

#### Sons da lira

A lira é a companheira afável, doce, pura,  
do vate que suspira, o meigo trovador;  
vota-lhe o pensamento, os risos, a ternura,  
as vozes da amizade, os cânticos do amor.

A lira é a voz que ao longe escutas suspirando  
de noite, junto ao mar na funda solidão,  
que embala a rede leve, e ouve de quando em quando  
a virgem do deserto, a filha do sertão.

A lira é a voz do mar gemendo d'amoroso;  
a lira é a voz da brisa a soluçar também;  
a lira é a voz do filho ausente e carinhoso,

que vence o espaço e afaga a triste, amante mãe.

A lira é a fada linda, o ideal do poeta,  
que ele nos sonhos vê c'roada de jasmims,  
ora a apontar-lhe a glória – a deusa predileta –  
ora a fugir, levando-o a mágicos jardins.

Hermenegilda de Lacerda (Faial) (1881: 18-19)

### 3. O imaginário poético açoriano

Nos poemas visitados confirmámos os traços distintivos da sensibilidade e da estética açoriana que já havíamos identificado na nossa reflexão anterior sobre o imaginário poético açoriano. A valorização do trabalho e da frugalidade, a afirmação da vida simples e rural afirmam-se como a estética natural da tranquila e mística intimidade, assim como das mais apaixonadas inflamadas declarações de amor à ilha. A ilha assume-se como arquétipo de todos os espaços sagrados, corpo imerso no líquido amniótico, coração magmático ritmando os movimentos e os gestos. Ela toma todas as formas e reveste-se de todas as conotações dos mitos iniciáticos da criação. As falécias, os precipícios e as costas abruptas, assim como as tormentas, a profundidade, e os mistérios oceânicos constituem as mais eficazes defesas e a melhor proteção em relação ao mundo exterior, preservando-a da erosão, da degradação e da deterioração que ameaçam a ordem cósmica e a ordem social com a desordem caótica de um mundo sem ética e sem estética. Envolta na neblina intemporal, a ilha protege-se da ignomínia, da devassidão, e do sangue.

Os poetas intimistas afirmam de forma bem implícita a estética e a ideologia própria dos momentos e dos lugares de exceção. A utopia, com toda a sua polivalência semântica, designa um espaço insular fora do espaço e do tempo, revelando-nos as ambiguidades da sua improvável existência. More, contudo, equacionava um sistema social e político, enquanto os poemas visitados apresentam-nos um sistema de valores éticos e morais típicos da própria insularidade.

Os poetas da intimidade apuram uma romântica arte de amar, recusam as partidas, os retornos, os sofrimentos e as saudades. Resistem aos apelos do "lonh", estão, enraízam-se, fundem-se com os elementos e os seres que os circundam, ficam e comprazem-se em ser ilhéus. Recuperam o mito da Atlântida, exorcizam as ilhas desafortunadas e as da má-fortuna, tal como romeiros, caminham para um futuro que se confunde com um retorno às origens, à ilha afortunada dos amores. Nela reina uma imaculada harmonia social, uma solidária solidão, uma busca ativa e constante da virtude e de Deus:

Faial

Como fada gentil de mil primores  
Que nos fragrantos roseirais se adorna  
Quando a aurora, a rir, divina entorna  
Do seu dourado cofre as lindas flores,

A ilha do Faial imersa em flores,  
De essências subtis, seus seios orna,  
E mais gazil, airosa assim se torna  
Qual de Camões a Ilha dos Amores.

E como à flor purpúrea que viceja,  
Insaciável de amor o mar lhe beija  
A planta perfumada e deslumbrante.

Ela que lá nas ondas se deleita,

D'aromas, rosas mil a fronte enfeitada,  
 Como um *bouquet* de rosas, flutuante.

Samuel Lacerda (Rio de Janeiro): Suplemento (1890: 134-935)

Ninguém como Nemésio e Mesquita denunciou os dois paradigmas e os dois movimentos mais específicos da insularidade, cada um move-se em sentido oposto, ilustrando um movimento se sístole e de diástole correspondendo ao seu poder de atração e de repulsão:

«Num (*Mesquita*), o tédio, a ânsia de evasão, o drama do encarcerado; no outro, a identificação do homem / natureza, ou seja, aquele que, através de um sentimento telúrico, a 'entifica' em si próprio, operando pelo instrumento da linguagem esse milagre da fusão. O mar, a distância, a neblina aproximam-nos. Num (*Mesquita*), o constante desejo de partir, que se contrapõe, no outro, à ânsia eterna de retorno, que se transporta do mundo da realidade contingente para a esfera do onírico.» Pavão (1988: 41).

Estas duas vivências poéticas e sensoriais opostas são realmente paradigmáticas do imaginário ilhéu: a busca da intimidade e o movimento para a exterioridade.

Pavão recorda-nos também que Nemésio considerou que Mesquita era, de facto «o primeiro poeta que exprime alguma coisa de essencial na condição humana, tal como ela se apresenta nas Ilhas dos Açores». Segundo ele, existe em *Almas Cativas* «uma tristeza emotiva, quase climatérica, que aflora numa alma entorpecida pela humidade dos Açores», «uma solidão negra, enfatiada» que me lembra, pessoalmente, a expressão de abandono, de descrença e de falta de esperança denunciada por tanto outros, tal como Almeida Firmino em *O ilhanizado*.

### **Bibliografia**

- Alleau, R. (1989) *La Science des Symboles*. Paris, ed. Payot.  
 Areias, Laura (2002) *Ilhas Riqueza, Ilhas Miséria*. Lisboa, Novo Imbondeiro.  
 Bachelard, Gaston (1957) *La poétique de l'espace*. Presses Universitaires de France.  
 Bachelard, Gaston (1984) *La Terre et les Rêveries de la volonté*. Presses Universitaires de France.  
 Buescu, Maria Leonor (1991): António de Lacerda Bulcão: Trajetória do Açor e do Corvo, 153-168, em Yvette, Kace Centeno / Freitas, Lima de (coord.) *A simbólica do Espaço – Cidades, Ilhas, Jardins*, Lisboa: Editorial Estampa.  
 Barros, João de (1953) *Crónicas do Imperador Clarimundo (1520)*, ed. Marques Braga, 3 vols., Lisboa, Sá da Costa.

- Carvalho, Ruy Galvão de (1979) Antologia Poética dos Açores. vol. II. Angra do Heroísmo. Secretariado Regional da Educação e Cultura.
- Centeno, Yvette e Freitas, de Lima (Coordenação) (1991) Espaço – Cidades, Ilhas, Jardins. Lisboa, Editorial Estampa.
- Champeaux et Sterckx (1981) Introduction au Monde des Symboles. France, Ed. Zodiaque.
- Chevalier Jean, Gheerbrant, Alain (1982) Dicionário dos Símbolos. Editorial Teorema.
- La Lusophonie voies/voix Océaniques (1998) Colloque International de Littérature Université Libre de Bruxelles, Lidel.
- Durand, Gilbert (1989) As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Lisboa, Editorial Presença.
- Eliade, Mircea (1963) Aspectos do Mito. Edições 70.
- Eliade, Mircea (1977) Tratado de História das Religiões. Lisboa, Edições Cosmos.
- Freitas, Vamberto [s.d.] O Imaginário dos Escritores Açorianos. Edições Salamandra.
- Genette, Gérard (1979) Introduction à l'architexte. Paris, Éditions du Seuil.
- Genette, Gérard (1982) Palimpsestes – La littérature au second degré. Paris, Éditions du Seuil.
- Gouveia, M. M. Maia (org.) (1986) Vitorino Nemésio-Estudo e Antologia. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Hamilton, Edith (1983) A Mitologia. 3.ª Ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Jung, Carl G. (1964) O Homem e seus Símbolos. Editora Nova Fronteira.
- Kristeva, Julia (1979) Le texte du roman. Mouton Publishers, Paris. Nova Iorque.
- More, Thomas [s.d.] Utopia. Europa-América 3.ª ed.
- Nascimento Aires de (Ed. Crítica) (1998) A Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais. Lisboa. Edições Colibri.
- Nemésio, Vitorino (1989) Obras Completas vol. I – Poesia. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pavão, J. Almeida (1988) Constantes de Insularidade numa definição de Literatura Açoriana in: Conhecimento dos Açores Através da Literatura. IX Semana de estudos dos Açores. Angra do Heroísmo. Instituto Açoriano de Cultura.
- Pessoa, Fernando (1981) Obra Poética - volume único. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilhar.
- Pimentel, Fernando Vieira (1988) “A ilha e o Mundo” de Pedro da Silveira: Vontade e destino in: Conhecimento dos Açores Através da Literatura. IX Semana de estudos dos Açores. Angra do Heroísmo. Instituto Açoriano de Cultura.
- Platão (1950) Œuvres complètes II – traduction nouvelle et notes par Léon Robin. Éditions Gallimard.
- Silveira, Pedro da (1977) Antologia de Poesia Açoriana – do século XVIII a 1975. Lisboa, Sá da Costa.

**SÓCIO FUNDADOR DA AICL – PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÊNIO 2017-2020.**

**VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL –**

**TOMA PARTE - QUASE ININTERRUPTAMENTE - EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002**